



KnoWhy #273

Dezembro 19, 2017



## Por que o Livro de Mórmon surgiu como um milagre?

*“Porque eis que eu sou Deus; e sou um Deus de milagres; e mostrarei ao mundo que sou o mesmo ontem, hoje e para sempre.”*

2 Néfi 27:23

### O conhecimento

Joseph Smith afirmou que traduziu o Livro de Mórmon “pelo dom e poder de Deus”. Sua esposa Emma comentou certa vez: “Embora eu estivesse [...] presente durante a tradução das placas e tivesse conhecimento das coisas como aconteceram, para mim é maravilhoso, ‘maravilhoso e impressionante’, tanto quanto para qualquer outra pessoa”. A declaração de Emma parece fazer referência ao comentário de Néfi sobre Isaías, onde Néfi ensinou que o Senhor Deus produziria, no devido tempo, um livro “dos que adormeceram” (2 Néfi 27:6), o que seria “uma obra maravilhosa e um assombro” (v. 26 , cf. Isaías 29).

O Senhor explicou: “Porque eis que eu sou Deus; e sou um Deus de milagres; e mostrarei ao mundo que sou o mesmo ontem, hoje e para sempre” (2 Néfi

27:23). Aqueles familiarizados com o processo de tradução do Livro de Mórmon podem entender, assim como Emma Smith, as muitas coisas que foram extraordinariamente milagrosas sobre essa “obra maravilhosa e [...] assombro” (v. 26).



Embora o próprio Joseph Smith muitas vezes relutasse em tentar explicar os detalhes específicos da tradução, aqueles que participaram ou testemunharam o processo deixaram vários registros do que observaram ou entenderam ter acontecido. Mais de duzentos registros históricos sobreviveram de pessoas que estavam próximas a este processo ou que estavam em posição de relatar o que aprenderam como participantes em primeira mão.

Por exemplo, várias pessoas relataram que, depois de colocar as pedras de Urim e Tumim ou uma pedra de vidente em seu chapéu, Joseph colocava a borda do chapéu em volta do rosto para proteger as pedras da luz ambiente. Ele então ditou “por longos períodos de tempo sem referência a qualquer livro, documento, manuscrito ou mesmo às próprias placas”. Embora usar o chapéu possa parecer estranho hoje, ele serviu a um propósito necessário e prático. O fato de Joseph estar com o rosto no chapéu também oferece fortes evidências de que ele não estava lendo nenhum rascunho, esboço ou a Bíblia enquanto ditava. Existe algum outro livro que tenha sido escrito dessa maneira?

Conforme registrado por Edward Stevenson, Martin Harris afirmou que, na pedra de vidente “apareciam frases que eram lidas pelo Profeta”, após o que o escriba “diria: ‘Escrito’”. Além disso, David Whitmer teria explicado que “o escriba lia então a frase escrita e, se algum erro tivesse sido cometido, os caracteres permaneceriam visíveis para Smith até que fossem corrigidos”. Alguns dos escribas se lembraram de Joseph Smith até mesmo corrigindo sua ortografia, embora ele não tenha olhado para seu manuscrito.

Emma lembrou: “Quando ele parava por qualquer motivo, a qualquer momento, quando começava de novo, começava onde havia terminado sem demora.” Essas pausas às vezes ocorriam quando paravam para almoçar ou dormir à noite. Outras vezes, a tradução foi retomada após uma viagem a Colesville ou Fayette, mas sem qualquer interrupção óbvia do fluxo ou conteúdo do texto.



Em algumas ocasiões, Joseph ficou surpreso com as palavras que ele estava ditando. A certa altura, ele ficou chocado com a afirmação do Livro de Mórmon de que Jerusalém era uma cidade murada. Como Martin Harris disse: “Joseph não conhecia o conteúdo do Livro de Mórmon até que ele fosse traduzido”.

Quando coletados e analisados em conjunto, esses tipos de observações diretas dos vários participantes e testemunhas, dão uma história bastante consistente sobre o que aconteceu durante o processo de tradução. Através de décadas de pesquisa sobre o Projeto Texto Crítico do Livro de Mórmon, Royal Skousen descobriu que esses detalhes relatados são substancialmente confirmados por evidências de escribas, encontradas nos manuscritos originais e nos impressos.

Por exemplo, com base nos tipos de erros cometidos pelos escribas, fica claro que eles estavam interpretando mal as palavras ditadas oralmente, em vez de simplesmente interpretar mal um manuscrito do qual estavam copiando visualmente. Vários tipos de correções de escriba confirmam de forma semelhante a história de que o texto foi ditado e depois repetido por um escriba. Com base na inclusão tardia dos números dos capítulos, bem como nas divisões inesperadas do livro, Joseph Smith e seus escribas aparentemente “não sabiam de antemão o que o texto ia dizer”. E a partir das correções na linha (não escritas acima da linha), parece que a ortografia dos nomes e a transcrição correta de palavras ou expressões desconhecidas foram, pelo menos em algumas ocasiões, “impostas à mesma letra”.



Notavelmente, com exceção de algumas páginas, a tradução de todo o Livro de Mórmon como o temos hoje — um texto que terminou em mais de 500 páginas — ocorreu entre 7 de abril e 30 de junho de 1829. Levando em conta outras coisas que se sabe que aconteceram durante esses três meses, tudo isso ocorreu em, no máximo, 74 dias úteis, se os domingos estiverem incluídos. Mas supondo que Joseph e Oliver não trabalhassem dias inteiros, sete dias por semana, semana após semana, é razoável estimar que Joseph ditou o Livro de Mórmon em aproximadamente “63 dias úteis”.

John W. Welch sugeriu que, levando em conta todas as outras atividades, isso resultaria em uma tradução média de “oito páginas atuais do Livro de Mórmon por dia”, um passo que ele descreveu como “devastador”. Já houve outro livro na história do mundo que tenha sido produzido dessa maneira, sob tais circunstâncias, por um escritor novato, que nunca havia publicado uma única palavra antes?

## O porquê

O Livro de Mórmon é apresentado ao mundo como um milagre. Nas palavras de Jesus, o aparecimento deste livro pretendia servir como um “sinal” para que as pessoas soubessem “que a obra do Pai já começou, para que se cumpra o convênio feito com o povo que é da casa de Israel” (3 Néfi 21:7). Assim como os sinais milagrosos dados por Jesus e registrados no evangelho de João, o Livro de Mórmon é um sinal maravilhoso do início da nova e eterna obra de Deus na dispensação dos últimos dias.

A mera presença do Livro de Mórmon é um milagre. O próprio Joseph Smith provavelmente não poderia ter explicado como tudo aconteceu, como as palavras apareceram e como ele poderia ditar e controlar o que havia sido escrito, assim como Moisés não poderia explicar mecanicamente como a vara de Arão poderia ter se transformada em uma serpente que devorou as varas de Faraó (ver Êxodo 7:12) ou que Pedro poderia ter explicado medicamente como ele curou o coxo no portão do Templo (ver Atos 3:6).

O livro saiu como um milagre para cumprir a profecia de Isaías. Élder Neal A. Maxwell afirmou que, como o Livro de Mórmon “cumpriu extensivamente a profecia de Isaías [e Néfi] de uma ‘obra maravilhosa e um assombro’, podemos encontrar uma fé fortalecida ao considerar quão maravilhosa e assombrosa a tradução realmente foi”. Essa força foi projetada para apoiar testemunhos pessoais sobre a veracidade do Livro de Mórmon e do trabalho profético de Joseph Smith.

Joseph Smith não era um “erudito isolado em algum santuário protegido onde pudesse trabalhar sem interrupções”. Tarefas tinham que ser feitas. Sua família deveria ser cuidada”. Ele era um fazendeiro trabalhador, com educação limitada e sem realizações literárias notáveis. De alguma forma, no entanto, no período de três meses, ele foi capaz de produzir, na

presença de vários escribas e testemunhas, um registro histórico extenso, complexo, consistente e teologicamente rico. Se este livro tivesse surgido de maneira acadêmica normal, teria mais peso intelectual, sem dúvida; mas viria com menos endosso autoritário de Deus. E não seria um sinal de que Deus o manifestou em um determinado momento, por um certo mensageiro profético e para propósitos divinos.

Apesar das interrupções frequentes, Joseph conseguiu isso em um rascunho, dia após dia, retomando exatamente de onde parou e sem notas de trabalho ou materiais de referência. Não apenas os testemunhos de vários escribas e observadores concordam fortemente com os detalhes essenciais deste processo, mas suas histórias foram abundantemente confirmadas por vários tipos de evidências escritas nos manuscritos originais. Esse milagre dá à tradução em inglês do Livro de Mórmon um nível de autoridade e credibilidade não oferecido por nenhum outro volume conhecido das Escrituras Sagradas.



Tal feito histórico milagroso e bem documentado oferece evidências notáveis, para qualquer pessoa disposta a olhar para ele, de que Joseph Smith era um verdadeiro profeta e que o texto que ele produziu realmente surgiu, como Néfi previu, pelo “dom e poder do Cordeiro” (1 Néfi 13:35). Quando essa evidência é combinada com outras evidências, como a “visão sobrenatural” das três testemunhas, a “experiência de tocar” as placas das oito testemunhas, e as numerosas testemunhas informais das placas — torna-se mais evidente que a aparição do Livro de Mórmon foi maravilhosa. Há melhor evidência de que Deus ainda é “um Deus de milagres” (2 Néfi 27:23) e que “o dia dos milagres” não cessou (Morôni 7:35–37)?

Tal convergência de dados e testemunho pode não fornecer uma prova absolutamente convincente da autenticidade divina do Livro de Mórmon. Mas certamente fornece amplas razões para buscar em espírito de oração um testemunho de sua veracidade, ou para manter a fé em um testemunho espiritual que já foi obtido. Como Neal Rappleye concluiu: “[é] impossível provar que algo é milagroso ou divino, mas todas as provas acima são consistentes com a história contada pelo próprio Joseph, que ditou um texto dado a ele por revelação, por meio de um ‘intérprete’ ou de uma pedra de vidente.” Até hoje, a história de Joseph parece ser a única explicação consistente que foi oferecida.

## Leitura complementar

Neal Rappleye, “‘Idle and Slothful Strange Stories’: Book of Mormon Origins and the Historical Record,” *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 20 (2016): pp. 21–37.

John W. Welch, “The Miraculous Translation of the Book of Mormon”, em *Opening the Heavens: Accounts of Divine Manifestations, 1820–1844*, ed. John W. Welch (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e BYU Press, 2005), pp. 76–213.

Daniel C. Peterson, “A Response: ‘What the Manuscripts and the Eyewitnesses Tell Us about the Translation of the Book of Mormon’,” em *Uncovering the Original Text of the Book of Mormon: History and Findings of the Critical Text Project*, ed. M. Gerald Bradford e Alison V. P. Coutts (Provo, UT: FARMS, 2002), pp. 67–71.

Royal Skousen, “How Joseph Smith Translated the Book of Mormon: Evidence from the Original Manuscript”, *Journal of Book of Mormon Studies* 7, no. 1 (1998): pp. 22–31.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

## Notas de rodapé

1. Book of Mormon, 1830, p. iii, disponível em josephsmithpapers.org. Valentin Arts, “A Third Jaredite Record: The Sealed Portion of the Gold Plates”, *Journal of Book of Mormon Studies* 11, no. 1 (2002) observou que a frase “pelo dom e poder”, conforme usada no Livro de Mórmon, tem uma “referência específica aos intérpretes e ao dom da tradução” (p. 56). É notável, portanto, que Joseph Smith tenha usado repetidamente essa mesma frase para descrever a tradução do Livro de Mórmon. Ao fazer isso, ele associou seu “dom e poder” aos videntes Jareditas e nefitas que o precederam e de quem herdou os

- intérpretes e registros antigos. Para obter mais informações sobre as próprias declarações de Joseph sobre o processo de tradução, consulte Michael Hubbard MacKay e Gerrit J. Dirkmaat, “Firsthand Witness Accounts of the Translation Process”, em *The Coming Forth of the Book of Mormon: A Marvelous Work and a Wonder*, ed. Dennis L. Largey, Andrew H. Hedges, John Hilton III e Kerry Hull (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e Religious Studies Center, Brigham Young University, 2015), p. 63.
2. “Last Testimony of Sister Emma”, *The Saint’s Herald* 26, no. 19 (October 1, 1879): p. 290.
  3. Joseph Smith declarou certa vez: “Não se pretendia contar ao mundo todos os detalhes do aparecimento do Livro de Mórmon”. *Minute Book* 2, p. 13, disponível em [josephsmithpapers.org](http://josephsmithpapers.org). Ver também MacKay e Dirkmaat, “Firsthand Witness Accounts”, 63.
  4. Ver MacKay e Dirkmaat, “Firsthand Witness Accounts”, p. 64: “Os escribas de Joseph são testemunhas extremamente importantes, porque observaram o processo por horas e, embora aparentemente nunca tenham visto as palavras aparecerem nas pedras de vidente, conversaram com Joseph sobre a tradução por meses durante 1828 e 1829.” 5. Para as últimas evidências documentadas, ver John W. Welch, ed., *Opening the Heavens: Accounts of Divine Manifestations, 1820–1844* (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e BYU Press, 2017), chapter 3.
  6. Para obter informações sobre o Urim e Tumim e as pedras de vidente de Joseph Smith, consulte o artigo na Central do Livro de Mórmon, “Por que uma pedra foi usada como auxílio na tradução do Livro de Mórmon? (Alma 37:23)”, *KnoWhy* 145 (Junio 26, 2017); Michael Hubbard MacKay e Nicholas J. Frederick, *Joseph Smith’s Seer Stones* (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e Religious Studies Center, Brigham Young University, 2016); Michael Hubbard MacKay e Gerrit J. Dirkmaat, *From Darkness unto Light: Joseph Smith’s Translation and Publication of the Book of Mormon* (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e Religious Studies Center, Brigham Young University, 2015), pp. 61–78.
  7. Royal Skousen, “How Joseph Smith Translated the Book of Mormon: Evidence from the Original Manuscript”, *Journal of Book of Mormon Studies* 7, no. 1 (1998): p. 24. Ver também “Last Testimony of Sister Emma”, pp. 289–290.
  8. Ver Neal Rappleye, “‘Idle and Slothful Strange Stories’: Book of Mormon Origins and the Historical Record”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 20 (2016): p. 30: “Usando um chapéu para se proteger da luz enquanto se concentrava nas pedras de vidente, Joseph não conseguiu ler o manuscrito porque, como ele comentou uma vez com Martin Harris (que havia mudado a pedra de vidente para uma pedra diferente), estava ‘tão escuro quanto o Egito’ no chapéu.”
  9. Edward Stevenson al editor, novembro 30, 1881, *Deseret Evening News*, December 13, 1881. A entrevista ocorreu em 1870, conforme citado em John W. Welch, “The Miraculous Translation of the Book of Mormon”, em *Opening the Heavens* (2005), pp. 135, 202, n. 52.
  10. *Kansas City Daily Journal*, 5 jun. 1881; as cited in Welch, “The Miraculous Translation”, p. 148, p. 205, n. 84.
  11. Ver Skousen, “How Joseph Smith Translated the Book of Mormon”, p. 25.
  12. Edmund C. Briggs, “A Visit to Nauvoo in 1856”, *Journal of History* 9 (October 1916): p. 454; as cited in Welch, “The Miraculous Translation”, 129, 201, n. 38. Ver também “Last Testimony of Sister Emma”, p. 289.
  13. Ver o artigo na Central do Livro de Mórmon, “Jerusalém tinha muralhas ao seu redor? (1 Néfi 4:4)”, *KnoWhy* 7, 7 de janeiro de 2017.
  14. Fred C. Collier y William S. Harwell, eds., *Kirtland Council Minute Book* (Salt Lake City, UT: Collier’s, 1996), p. 23. A passagem aparece na entrada de 12 de fevereiro de 1834; como citado em Welch, “The Miraculous Translation”, pp. 132, 202, n. 44.
  15. Skousen concluiu que essa consistência é especialmente verdadeira para as coisas que as testemunhas realmente observaram. Quando se tratava de testemunhar afirmações sobre o processo invisível da tradução de Joseph, o que ele via nos intérpretes e como o processo de ditado era divinamente controlado, suas afirmações às vezes “não eram apoiadas pelas evidências do manuscrito original”. Skousen, “How Joseph Smith Translated the Book of Mormon”, p. 24.
  16. Para uma revisão geral do projeto Texto Crítico do Livro de Mórmon, ver Royal Skousen, “Restoring the Original Text of the Book of Mormon”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 14 (2015): pp. 107–117.
  17. Para uma revisão do manuscrito original do Livro de Mórmon, consulte Royal Skousen, “Manuscripts of the Book of Mormon”, em *To All the World: The Book of Mormon Articles from the Encyclopedia of Mormonism*, ed. Daniel H. Ludlow, S. Kent Brown e John W. Welch (Provo, UT: FARMS, 2000), pp. 178–180.
  18. Ver Skousen, “How Joseph Smith Translated the Book of Mormon”, p. 25.
  19. Ver Skousen, “How Joseph Smith Translated the Book of Mormon”, p. 27.
  20. Daniel C. Peterson, “A Response: ‘What the Manuscripts and the Eyewitnesses Tell Us about the Translation of the Book of Mormon’”, em *Uncovering the Original Text of the Book of Mormon: History and Findings of the Critical Text Project*, ed. M. Gerald Bradford e Alison V. P. Coutts (Provo, UT: FARMS, 2002), 69. Ver também Skousen, “How Joseph Smith Translated the Book of Mormon” pp. 27–28.
  21. Skousen, “How Joseph Smith Translated the Book of Mormon”, 31. Ver também p. 27.
  22. Ver Welch, “The Miraculous Translation”, p. 83.
  23. Welch, “The Miraculous Translation”, p. 102.
  24. Welch, “The Miraculous Translation”, p. 101. Terryl L. Givens, *By the Hand of Mormon: The American Scripture that Launched a New World Religion* (New York, NY: Oxford University Press, 2002), descreve a produção durante os meses de abril e maio como uma “média de tradução verdadeiramente prodigiosa” (p. 37). Ver também, John W. Welch, “I have a Question”, *Ensign*, January 1988, disponível em [lds.org](http://lds.org); Daniel C. Peterson, “An Apologetically Important Nonapologetic Book”, *Journal of Book of Mormon Studies* 25, no. 1 (2016): p. 68.
  25. A primeira seção do evangelho de João é frequentemente chamada de “Livro dos Sinais”. Para um estudo sobre este tópico, ver Blair G. Van Dyke, “Miracles of Jesus in the Gospel of John”, *Religious Educator* 9, no. 3 (2008): pp. 15–30.
  26. Neal A. Maxwell, “‘By the Gift and Power of God’”, *Ensign*, janeiro de 1997, disponível online em: [lds.org](http://lds.org).
  27. Maxwell, “‘the Gift and Power of God’”, disponível online em [lds.org](http://lds.org).
  28. Ver Mackay e Dirkmaat, “Firsthand Witness Accounts”, pp. 62–63. Ver também, Robert A. Rees, “Joseph Smith, the Book of Mormon, and the American Renaissance”, *Dialogue: A Journal of Mormon Thought* 35, no. 3 (2002): pp. 83–112; Robert A. Rees, “Joseph Smith, the Book of Mormon, and the American Renaissance: An Update”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 19 (2016): pp. 1–16.
  29. Ver Melvin J. Thorne, “Complexity, Consistency, Ignorance, and Probabilities”, em *Book of Mormon Authorship Revisited: The Evidence for Ancient Origins*, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: FARMS, 1997), 179–193; Grant Hardy, *Understanding the Book of Mormon: A Reader’s Guide* (New York, NY: Oxford University Press, 2010), pp. 6–7.
  30. Para um resumo mais desenvolvido do processo de tradução e sua importância como evidência, ver Neal Rappleye, “‘Idle and Slothful Strange Stories’: Book of Mormon Origins and the Historical Record”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 20 (2016): pp. 29–32.
  31. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que Três Testemunhas-Chave foram escolhidas para testemunhar o Livro de Mórmon? (Éter 5:4)”, *KnoWhy* 267 (11 de dezembro de 2017).
  32. Givens, *By the Hand of Mormon*, 40. Ver Richard Lloyd Anderson, “Attempts to Redefine the Experience of the Eight Witnesses”, *Journal of Book of Mormon Studies* 14, no. 1 (2005): pp. 18–31, 125–27.
  33. Ver Richard Lloyd Anderson, *Investigating the Book of Mormon Witnesses* (Salt Lake City, UT: Deseret Book, 1981), pp. 21–34; Amy Easton-Flake e Rachel Cope, “A Multiplicity of Witnesses: Women and the Translation Process”, em *The Coming Forth of the Book of Mormon*, pp. 133–153; ver o artigo da Central do livro de Mórmon, “Quem são os ‘poucos’ que foram autorizados a ver as placas? (2 Néfi 27:12–13)”, *KnoWhy* 54, 8 de março de 2017.
  34. Ver também 2 Néfi 28:6; Mórmon 9:10–11, 15, 19.
  35. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Qual era a importância para Morôni de oramos sobre o Livro de Mórmon? (Moroni 10:4)”, *KnoWhy* 254 (22 de novembro de 2017).
  36. Rappleye, “‘Idle and Slothful Strange Stories’”, p. 32.
  37. Ver Jeffrey R. Holland, “Segurança para a Alma”, *A Liahona*, outubro de 2009, p. 88; disponível em [lds.org](http://lds.org); Rappleye, “‘Idle and

Slothful Strange Stories””, pp. 32–37. Peterson, “A Response”, p. 70.  
Tad R. Callister, “The Book of Mormon: Man-Made or God-Given“,  
BYU Speech, 1 de novembro de 2016, disponível em  
[speeches.byu.edu](http://speeches.byu.edu).